



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Vitor Alexandre Lopes Lehnen

O IMPACTO NA SUBJETIVIDADE DOS SUJEITOS CONTEMPORÂNEOS A
PARTIR DA PERCEPÇÃO DA ACELERAÇÃO DO TEMPO

Palmas – TO

2018



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Redeenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Vitor Alexandre Lopes Lehen

O IMPACTO NA SUBJETIVIDADE DOS SUJEITOS CONTEMPORÂNEOS A PARTIR DA PERCEPÇÃO DA ACELERAÇÃO DO TEMPO

Projeto de pesquisa elaborado e apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. Me. Sonielson Luciano de Sousa

Palmas – TO

2018



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Vitor Alexandre Lopes Lehnen

O IMPACTO NA SUBJETIVIDADE DOS SUJEITOS CONTEMPORÂNEOS A PARTIR DA PERCEPÇÃO DA ACELERAÇÃO DO TEMPO

Projeto de Pesquisa elaborado e apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. Me. Sonielson Luciano de Sousa

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Sonielson Luciano de Sousa

Orientador

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. Dra. Irenides Teixeira

Centro Universitário Luterano de Palmas - CEULP

Prof. Me. Muriel Corrêa Neves Rodrigues

Centro Universitário Luterano de Palmas - CEULP

Palmas – TO

2018

Dedico este trabalho a Deus, por considerá-lo como fonte e fortaleza.

Dedico ao meu pai, minha mãe, minha irmã e toda a minha família e amigos que, com muito carinho, souberam me aconselhar e, principalmente, porque me acolhem e me fazem ser uma pessoa melhor.

Dedico ao meu orientador Sonielson que, com muita paciência e dedicação, soube me mostrar um olhar humano e fundamental para o exercício da psicologia.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer especialmente a Deus, minha mãe, Antonia, meu pai, Plínio e minha irmã, Vivian, pois sempre estiveram presentes em todos os meus momentos felizes, de angústia e de dor. Com certeza se sacrificaram muito por mim durante esse processo de graduação em psicologia e se mostraram sempre receptivos e acolhedores para constantemente me incentivar e me fazerem seguir sempre adiante.

Uma enorme consideração e gratidão pelos meus amigos Flávio, Wiliane, Luís, Vitor, Deocleciano, Lázaro, Fernando e Nínive, pois sempre pude contar com eles e me abrir emocionalmente, sem medos e receios. Considero imensamente todos que também passaram por minha vida e me ensinaram a ser um humano. Com muitos nem percebo a hora passar e perco a noção do tempo. Inteiramente grato por isso.

Também agradeço imensamente o meu orientador Sonielson por toda a paciência, dedicação, comprometimento e olhares inteiramente humanos e inspiradores voltados para o exercício da profissão de psicologia. Grande e considerável mestre, professor e orientador desse trabalho.

Agradeço a todos que diretamente e indiretamente participaram e me auxiliaram nessa pesquisa. Sem vocês, nada disso seria concluído com tamanho êxito e compaixão.

As ideias sobre teorias científicas que delineamos nos parágrafos anteriores partem do pressuposto de que o homem é uma criatura racional livre para observar o universo como quiser e extrair deduções lógicas do que vê. (Hawking, 2015, p.24).

RESUMO

LEHNEN, Vitor Alexandre Lopes. **O impacto na subjetividade dos sujeitos contemporâneos a partir da percepção da aceleração do tempo.** 2018. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2018.

A percepção da aceleração do tempo por parte dos sujeitos contemporâneos vem colaborando para o crescimento de certas psicopatologias, sobretudo nos quadros que se referem à depressão e ansiedade. Atualmente esses quadros sintomatológicos também possuem uma relação com a época caracterizada como pós-modernidade, que acaba por prezar, a partir de suas características, grandes demandas de desempenho no âmbito laboral, assim como participar de uma aceleração substancialmente maior em relação à era anterior, em face à vida cotidiana. Vale ressaltar que esses mesmos transtornos acabam por interferir na capacidade do sujeito em seu dia-a-dia, impactando até mesmo em suas relações sociais. Neste contexto, esta pesquisa tem finalidade metodológica básica e de método e abordagem qualitativa, tendo como procedimento o caráter bibliográfico e exploratório. Além disso, confirma a hipótese – pelo olhar psicanalítico - de que a sociedade contemporânea vem produzindo indivíduos cada vez mais apressados e imersos nos impactos e influências sofridas pelas demandas provindas de sistemas de caráter capitalista, modelo esse que acaba por produzir maior aceleração, competitividade e, em consequência, a eclosão de uma gama de psicopatologias.

Palavras-chave: Psicopatologias. Depressão. Ansiedade. Pós-modernidade. Subjetividade.

ABSTRACT

LEHNEN, Vitor Alexandre Lopes. **The impact on the subjectivity of contemporary subjects from the perception of the acceleration of time.** 2018. 54f. Course Completion Work (Undergraduate) - Psychology Course, Lutheran University Center of Palmas, Palmas / TO, 2018.

The perception of the acceleration of time by the contemporary subjects has been contributing to the growth of certain psychopathologies, especially in the pictures that refer to depression and anxiety. Nowadays, these symptoms also have a relation with the era characterized as postmodernity, which ends up prevailing, from its characteristics, great demands of performance in the labor scope, as well as participating in a substantially greater acceleration in relation to the previous era, in the face of everyday life. It is worth emphasizing that these same disorders end up interfering in the capacity of the subject in his daily life, impacting even in his social relations. In this context, this research has basic methodological purpose and method and qualitative approach, having as a procedure the bibliographic and exploratory character. In addition, it confirms the hypothesis - by the psychoanalytic view - that contemporary society has been producing individuals who are increasingly hurried and immersed in the impacts and influences suffered by the demands derived from capitalist systems, a model that ends up producing greater acceleration, competitiveness and , as a consequence, the outbreak of a range of psychopathologies.

Keywords: Psychopathology. Depression. Anxiety. Postmodernity. Subjectivity.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1.	Quantidade de autores e titulações.....	36
TABELA 2	Artigos coletados por região.....	36
TABELA 3	Artigos indexados por região e estado.....	37
TABELA 4	Quantidade de termos e descritores do artigo 01.....	38
TABELA 5	Quantidade de termos e descritores do artigo 02	39
TABELA 6	Quantidade de termos e descritores do artigo 03.....	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 DESDOBRAMENTOS DE SIGNIFICADOS DO CONCEITO TEMPO: SUBJEIVIDADE E APRENDIZAGEM A PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS CONTEMPORÂNEOS.....	15
2.1 PÓS-MODERNIDADE: CARACTERÍSTICAS E VICISSITUDES.....	20
3 IMPACTOS E SINTOMATOLOGIAS DO PÓS-MODERNO.....	25
4 METODOLOGIA.....	33
4.1 DESENHO DO ESTUDO.....	33
4.2 PROCEDIMENTO.....	34
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	36
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
7 REFERÊNCIAS.....	47
ANEXOS.....	50

1 INTRODUÇÃO

O ser humano já alcançou e continua a realizar e desempenhar as mais variadas representações de âmbito psicológico, social (envolvendo questões políticas, culturais e religiosas) e biológico (ARANHA; MARTINS, 1992). É claro que esse mesmo conceito do que vem a ser o humano passou e ainda passa por grandes modificações, e acaba por ser diferenciado por cada cultura que vigora e se transforma em determinada região ou local.

Atualmente, com as transformações pelas quais o mundo vem passando, a psicologia, filosofia e a sociologia vêm tentando cada vez mais acompanhar e explicitar os fenômenos que acabam ocorrendo com essas mudanças de valores e paradigmas que são instaurados. Desde a década de 80, a humanidade se depara com as condições sociais, políticas e culturais da pós-modernidade - uma conjuntura sociocultural que predomina na condição econômica capitalista contemporânea (BAUMAN, 1997), e os indivíduos que nela se encontram, acabam por aderir, alguns com certa dificuldade, aos seus devidos impactos e características.

Para Nicolaci-da-Costa (2004), o período da modernidade (que despertou no início do período histórico conhecido como Iluminismo até meados do século XX) tinha determinadas características que remetiam a questões que promoviam uma maior estabilidade e menos fluidez, tendo fatores de objetividades, barreiras e fronteiras consideradas mais sólidas. Ainda para a autora, havia a sensação de que o mundo em que os indivíduos viviam era de maior fixidez, sendo que o contrário a essa mesma perspectiva foi abalada pela aparência e surgimento da pós-modernidade.

A instauração do período pós-moderno surge com o compartilhamento e os efeitos dos fenômenos da globalização, os aspectos da fragmentação das relações e do conceito de identidade, e o rompimento de fronteiras e barreiras tornaram-se cada vez mais frequentes, trazendo como consequências panoramas que promovem uma flexibilidade, imprevisibilidade e maior fluidez.

Entretanto, a era moderna acabou por trazer muitos problemas, dentre eles, se destacam o excesso de segurança promovido pelo estado e a considerável ausência da liberdade individual, acabando por eclodir sobre a forma de duas guerras mundiais (BAUMAN, 1998). Esses mesmos fatores e acontecimentos trouxeram desapontamentos e frustrações a partir da rápida e significativa mudança social e de vida (sobretudo no campo da subjetividade) que foi instaurada para os

seres humanos. Freud (1930) já apontava que, durante as últimas gerações, a própria humanidade conseguiu exercer e efetuar um progresso jamais visto (em relação às ciências naturais e tecnológicas), promovendo até mesmo, de uma maneira que não se imaginaria, o controle sobre a natureza. O que acarreta, ainda para o autor, é que a humanidade acaba por ter a necessidade de desejar adquirir poder nas instâncias referentes ao tempo e espaço como forma de trazer-lhes maior satisfação e prazer, fato que não torna os humanos mais felizes, visto que, o exercer controle sobre estas instâncias não significa ser uma precondição de felicidade. Este é, inclusive, o paradoxo apontado por Han (2017) e por Debord (1997).

Bauman (1997) reflete sobre os efeitos que vinham da época moderna juntamente com suas bases filosóficas e seus respectivos efeitos consumados e perpassados, psicologicamente, nos indivíduos. Um dos mal-estares da época da modernidade provinha de uma espécie de segurança em detrimento de uma liberdade individual considerada pequena, em relação à busca particular da felicidade. O contraponto vigente e explícito com esse tempo em relação à pós-modernidade é que os indivíduos imersos na contemporaneidade vivem e acabam por prezar, em seu discurso, em uma busca maior pelo prazer. Essa perspectiva, ainda para Bauman (Ibidem), traz inversão dos valores pertencentes à era anterior. O mal estar que se reflete na atualidade, neste sentido, está na ausência de bases para uma segurança de nível individual.

Ao se fazer relação com o ponto abordado pelo autor acima, o indivíduo que está imerso nos ideais da pós-modernidade parece ter maior autonomia e liberdade individual para tentar se afastar daquilo que se apresenta como desprazer ao seu próprio ego, pois, fazendo menção à Freud (1920), a compulsão à repetição, que diz respeito àquilo que é lembrado e reexperimentado pelo sujeito como um reflexo de um passado que foi esquecido, pode trazer um sofrimento, pois o mesmo acaba por repetir as ações que advêm de impulsos instintuais que são reprimidos, interferindo no estado de saúde mental.

Essas questões estão, por assim dizer, em um nível inconsciente, sendo que o conhecimento e consciência em que o sujeito toma nota é formado e mostrado para o mesmo através de mecanismos defensivos que atuam como propósito de se criar uma distância segura daquilo que irá trazer sofrimento psíquico. O processo de reelaboração se torna convidativo, aqui, visto que a realização da mesma se respalda em promover o reconhecimento da gênese dos comportamentos

considerados problemáticos, para então entendê-los e posteriormente instaurar a maior autonomia de que o indivíduo procura.

Com a atual conjuntura marcada por um sistema econômico capitalista que preza pelo grande movimento e atividade por parte do sujeito, Han (2017) expõe reflexões sobre a atual sociedade do desempenho, que, para o autor, é inteiramente marcada por um cansaço e fadiga, justamente por se prezar e se pautar em uma exacerbada elevação da alta *performance* e funcionamento por parte do indivíduo, acarretando em uma exaustão substancialmente significativa.

Portanto, refletir sobre os fenômenos da pós-modernidade, a partir das concepções levantadas e citadas acima, torna-se de extrema relevância, visto que, esse mesmo modelo e estilo de vida acabam por proporcionar impactos em sujeitos que aderem (e também naqueles que possuem certas dificuldades) as suas peculiaridades.

Um questionamento vigente é o de justamente relativizar a atual dicotomia que surge nos discursos presentes na contemporaneidade. Essa mesma ambivalência diz respeito ao quesito de ser uma era em que se preza tanto por felicidade e liberdade e ao mesmo tempo se tem, com números significativos, aumentos consideráveis de indivíduos que são diagnosticados com transtornos depressivos e de ansiedade (KEHL, 2015).

Para melhor discutir sobre esse contexto, o presente estudo se propôs em problematizar parte das indagações que muitos autores (do campo filosófico, psicanalítico e antropológico, tendo em vista o caráter interdisciplinar das ciências humanas) acabam por estudar. Portanto, a pesquisa teve como objetivo geral verificar a relação do estilo de vida pós-moderno com o aumento de transtornos de ordem psicológica nos sujeitos contemporâneos.

Para se atingir esse propósito, os seguintes objetivos específicos foram inseridos: 1) identificar como a percepção da aceleração do tempo impacta na subjetividade e nos modos de vida dos indivíduos contemporâneos; 2) investigar a relação do aumento de transtornos psicológicos (como ansiedade e depressão) e o uso de psicoativos por parte dos sujeitos contemporâneos; 3) averiguar como as formas de intervenções clínicas, a partir de análises psicanalíticas contidas na literatura, auxiliam no tratamento de indivíduos diagnosticados com transtornos depressivos e ansiogênicos decorrentes da percepção da aceleração do tempo.

No primeiro capítulo, trabalhou-se a explanação sobre os mais diversos conceitos de tempo e como a relação a partir da percepção que o sujeito tem do mesmo auxilia e influencia em sua aprendizagem. No subcapítulo posterior, foi exposta a relação dos seres humanos com a pós-modernidade, assim como é caracterizado o novo estilo de vida que é proposto pela mesma e, por fim, no segundo capítulo, o tema abordado trouxe à luz os possíveis impactos e as sintomatologias psicopatológicas que podem vir a aparecer a partir dos fenômenos pertencentes à época contemporânea, sob o olhar da psicanálise. Posteriormente, os capítulos dos resultados, discussões e considerações finais tiveram como objetivo, melhor problematizar os dados e perspectivas teóricas trabalhadas na pesquisa, a fim de sustentar, de forma mais fidedigna, o tema considerado.

2 DESDOBRAMENTOS DE SIGNIFICADOS DO CONCEITO TEMPO: SUBJEIVIDADE E APRENDIZAGEM A PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS CONTEMPORÂNEOS

Entender sobre o tempo implica conhecer a história e a constituição do ser humano e a sua relação com o universo que o cerca. É um conceito de extrema carga subjetiva, que implica em diversas concepções acerca do seu significado e simbolismo.

Hawking (2015) percebe que desde os primórdios da civilização, os seres humanos não se apaziguam em ver e presenciar acontecimentos que são realizados e executados sem nenhuma explicação. Esse fenômeno acarreta em um caráter estritamente contínuo de se procurar as devidas respostas sobre os fatos, a fim de buscar entender de onde a humanidade veio e para onde vai, ou seja, há uma necessidade ansiosa por parte da civilização em saber a total explicação do universo no qual estar-se devidamente inserido.

Para Boff (2014), a expressão originária do termo tempo parte da singularidade do *Big Bang*, sendo que os cosmólogos modernos são capazes de aguçar os diversos desdobramentos do conceito. O autor menciona que todo o universo se mantém em equilíbrio a partir de dois movimentos que também são encontrados de forma intrínseca nos seres humanos, sendo então realizados com o objetivo de instaurar a estabilidade.

Esses processos, ainda conforme Boff (2014), são reconhecidos como expansão e contração, fazendo alusão às atividades efetuadas pelos órgãos pulmão e coração, capazes de promover o funcionamento harmônico, ou seja, no mesmo instante em que se ocorre a dilatação, o segurar e o refrear também é executado, com a meta de se priorizar a homeostase. Essas atividades são também conhecidas cientificamente como sístole (contração dos átrios) e diástole (relaxamento do músculo cardíaco) que então são realizadas pelas unidades que pertencem ao corpo para se manter a constância. Tais conceitos são também metaforicamente percebidos quando se parte de uma análise da condição psíquica que cada sujeito possui momentaneamente, como por exemplo, os aspectos e características dos quadros sintomatológicos da ansiedade (assimilados com o fenômeno da expansão) e da depressão (retração), além das particularidades da extroversão (expansão) e introversão (retração).

Jung (1991) define que a extroversão se caracteriza como uma atitude do sujeito de lançar-se frente ao objeto, cabendo fluir uma energia que se direciona para os instrumentos encontrados no mundo exterior, a ponto que na introversão, esses mesmos utensílios e aspectos não possuem tamanha relevância, tanto que a ação do sujeito é voltada para suas questões de âmbito interno. Essas mesmas conjunções do psiquismo revelam uma tentativa (por parte de cada sujeito) de melhor se adaptar, se gerir e melhor se satisfazer enquanto ser a partir da forma como são encarados os fenômenos do cotidiano.

A questão vigente a partir da reflexão da leitura de Jung (ibidem), e ao se fazer relação com a época contemporânea, é que quando o sujeito se depara com um modelo de sociedade que valoriza apenas os aspectos da extroversão, esse mesmo ponto pode causar uma compulsão nos extrovertidos, e sentimentos significativos de inapropriação nos introvertidos.

Nessa perspectiva, o bem-estar e a promoção da saúde mental seria, então, mais valorizada quando o próprio sujeito (imerso nos aspectos contemporâneos) ignora o tempo necessário para conseguir voltar para si e elaborar questões que são internas e subjetivas. O ponto que se torna vigente, então, é que a época atual não fortalece e direciona esse mesmo indivíduo a realizar determinadas atitudes que dizem respeito às reflexões internas, pois o mesmo viveria em uma dicotomia que é pregada atualmente, a de que desempenho, a aceleração e a realização é que são inteiramente primárias e de maior significado.

Cortella (2011) defende a perspectiva de que tempo e vida se correspondem, sendo que a vivência é realizada dentro da perspectiva e dimensão que cada sujeito encontra para poder se complementar existencialmente e territorialmente. O autor complementa que o uso do termo é questão de prioridade, livre para ser decidido e utilizado da maneira que convém para cada ser, além de problematizar que enquanto se há tempo, há também uma ocupação e realização de atividades e pensamentos imersos nessa condição.

Bergson (1972 apud WORMS, 2005) diz que o tempo é encarado a partir de uma perspectiva de transitoriedade e finitude em relação à existência. Com essa mesma concepção de que existe e vigora uma passagem contendo um presente, passado e futuro, a partir da vivência do sujeito, têm-se a formação da consciência e da memória que fazem parte dos seres e que propiciam a reflexão sobre suas próprias ações.

Tudo existe para um fim – isso levando-se em conta as doutrinas que pregam um sentido para a vida, a não ser que este ‘fim’ esteja relacionado a ‘dissolução’ –, e entre esse mesmo caminho se tem o processo do nascimento, da vida e também da morte, que acaba por trazer significados, sentidos e razões para as ocupações e atividades realizadas, além de proporcionar a reflexão sobre o próprio uso e relação que se faz com o tempo.

Heidegger (2007, apud PEIXOTO, 2010) afirma que a consciência e noção de finitude passa a vigorar no momento em que o indivíduo se depara com conceitos relacionados à mortalidade e imortalidade, assim como, com aquilo que é duradouro e o que não é, ou seja, essa mesma perspectiva o faz ter uma reflexão sobre o fenômeno morte. No momento em que se traz à luz a aplicação do conceito como fenômeno existencial, faz-se necessário problematizar o impacto substancialmente relevante na vida presente do indivíduo quando se depara com essa mesma percepção, e que a partir dessa ótica (a de que existe um desfecho), o ser humano percebe-se que é também alguém que deixa de viver em algum momento.

Conforme Penna (1990), as dimensões de presente, passado e futuro são incorporadas em nossa consciência de tal forma a não poder se mensurar qualquer tipo de consistência temporal discutível. O autor ainda ressalta que os seres humanos são dotados de uma historicidade e que o que existe em nós é a pura capacidade de conseguirmos lidar com o passado e encarar o futuro que ocorre no instante do presente, sendo então realizada pela avaliação do sujeito. Essa mesma forma de encarar suposições e fatos anteriores acaba por moldar e priorizar o tempo em que cada ser cria para si, fazendo então com que o indivíduo tome suas rédeas para se dispor e realizar o que se almeja adiante.

Costa e Medeiros (2010) dizem que os sentimentos de desejo e esperança estão imersos da dimensão tempo, sendo a primeira perspectiva capaz de levar o sujeito ao imediato, ou seja, para o próprio presente, e a segunda tópica possui o intuito de promover ao indivíduo a melhor formulação e análise sobre o advir, proporcionando a reflexão e planejamento de como a atividade deverá ser conquistada. Sem a primeira concepção, o EU pode perder espaço e vitalidade, pois a falta dessa mesma instância pode acarretar em uma ausência de metas e, como consequência, um vazio, sendo capaz de engolir o fenômeno vida.

Algumas filosofias propostas por determinados autores e algumas religiões preferem pensar no tempo como uma eternidade e não em algo que é transitório e,

de fato, passageiro. Agostinho (1981 apud CARDOSO, 2010) encara que o tempo e o infundável são termos que não possuem uma medida em comum com o outro. A perspectiva de tempo para os autores é que o mesmo nunca é o completo presente, ao passo que o passado é impulsionado pelo futuro e que esse mesmo futuro é precedido de um passado, sendo que ambos os conceitos se dão e se criam em um instante conhecido como presente e que a criação dessa mesma concepção advém de uma divindade que é considerada a criadora de todos os seres e de todo o universo.

Para Ratner (1991), o tempo moderno é mensurado a partir de uma perspectiva de eventos que são próprios e qualitativos, como por exemplo, os acontecimentos que permeiam as instâncias de dia e de noite ou diurno e noturno. Segundo esse autor, essas bases são compostas pela mesma unidade, sendo então concebidas pelo indivíduo, que interpreta esses fatos como homogêneos, possuindo, por consequência, um começo e um fim.

Guimarães (2007 apud DELEUZE; GUATTARI, 1997) trabalha os conceitos de tempo liso e estriado, sendo o primeiro caracterizado como não topográfico, ou seja, não passível de delimitações, ao passo que no estriado, a segmentação, a limitação e a estruturação do fenômeno tempo são características pertencentes à ele. Ressalta-se aqui, a partir desses conceitos, a relação dos sujeitos com aquilo que é imposto (de forma econômica e social) pela época contemporânea, onde a valorização se dá na liberdade individual e na autonomia para os indivíduos tomarem suas rédeas até mesmo na própria estruturação sobre a instância tempo. O sujeito, então, cria e elabora afazeres e tarefas, visto que a liberdade de âmbito individual acaba por estar mais presente (em comparação à modernidade). Este sujeito faz isso porque associa o excesso de gerenciamento do tempo com a promessa de ascensão na esfera do trabalho (HAN, 2017).

Para Kehl (2015), o tempo é uma estruturação social, onde as demandas da sociedade são impostas e relativizadas pelo controle que se dá a partir da percepção e concepção dos sujeitos. Para essa autora, é o que tece a existência do indivíduo juntamente com o seu psiquismo caracterizado para além de uma espacialidade. A temporalidade molda e cria modos de subjetivação e entendimento por parte dos indivíduos, estando imersos dentro dessa instância, todos os veículos de comunicação, sistemas políticos e econômicos passíveis de estruturação da subjetividade.

Conforme Freud (1940/2014), toda a constituição da nossa psique se dá a partir do órgão corporal encéfalo, onde se atribui uma extensão espacial e científica, e da nossa consciência, caracterizada pelos atos que podem ser acessados pelos indivíduos de forma arbitrária e aqueles que não são acedidos ou até mesmo admitidos pelos mesmos por alguma razão.

Freud (1940/2014) ainda complementa que o progresso e desenvolvimento do âmbito individual do ser engloba três instâncias capazes de moldar a personalidade e o modo de percepção e ação dos indivíduos. Essas instâncias são conhecidas como Id, Ego, e Superego, que servem de base para a compreensão de como os sujeitos apreendem as informações que lhe são concebidas. Ao se perceber a partir destas, o ser humano, na visão psicanalítica, é visto como “sujeito”, que é aquele que tem consciência do seu processo histórico, logo, pode-se relacionar este mesmo método com a dimensão temporal da existência, onde a consciência sobre a própria linha histórica proporciona uma conexão e também uma atuação crítica e reflexiva sobre o espaço-tempo vivido pelo indivíduo.

Freud (1976 apud LIMA, 2009), caracteriza o id como uma instância de natureza inconsciente, contendo os conteúdos que são herdados de forma hereditária, presentes no nascimento, e que, por outro lado, são também aprendidos e reprimidos. Conforme a autora, o id implica e rege, de maneira funcional, a partir do princípio do prazer, ou seja, é caracterizado pela sua forma instintiva, sem dar relevância para os fatos e eventos da realidade.

O psicanalista Freud (1940/2014) define o Ego como a instância que possui influência do ambiente, servindo de mediação entre o id, realizando domínio sobre as exigências das pulsões, do mundo exterior e do superego. Para o autor, suas principais características estão relacionadas aos movimentos espontâneos, juntamente com a percepção sensorial, que se apercebe de estímulos, retém experiências e sempre está em busca do prazer. O psicanalista também afirma que do ego desenvolve o superego, capaz de formar a personalidade moral e social do indivíduo, envolvendo tradições familiares, de raças, de povos e de culturas, sendo influenciado, sobretudo, pelo que foi vivido e experienciado.

Sobre o desenvolvimento da percepção, Vigotski (1998) afirma que se caracteriza como um conjunto dinâmico do comportamento, sendo ela categorizada e não separada. Através dessa função psicológica, que também permite o indivíduo perceber o mundo que o cerca, os princípios de instrumento e signo trazidos pelo

autor demonstram melhor como os indivíduos afetam e ao mesmo tempo são afetados a partir do desenvolvimento de suas funções psicológicas e internalizações de concepções adquiridas por meio da filogênese (evolução da espécie) e ontogênese (desenvolvimento de um organismo a partir de sua passagem sobre os estágios que compõem a vida).

Segundo Vigotski (1998), é o de servir como um dirigente para a ação humana sobre o objeto, sendo então passível de modificação por meio da realização de alguma atividade sobre ele. O signo é descrito pelo autor como uma atividade de transformação interna, cabendo a reorganização e controle do interior do ser. Portanto, cabe refletir que ambos os processos atuam de forma concomitante, e que a partir do entendimento e percepção que cada sujeito possui (de forma subjetiva) sobre o conceito de tempo, e o que nele está inserido, esse mesmo indivíduo acaba por atuar no mundo em prol de alterações que lhe trazem seus respectivos significados.

Sobre os aspectos que compõem a consciência (dentre eles, o conhecimento, o pensamento e os processos cognitivos), torna-se necessário problematizar o que vem sendo abordado ao longo do capítulo com relação ao ser humano, assim como também relativizar como o mesmo concebe e percebe o fenômeno tempo (inteiramente atuante e passível de atuação). Percebe-se que, umas das formas e modos de conhecer e se apropriar do mundo tem uma total relação com aquilo que o humano se depara ao longo da vida. Os mitos, a ciência, os símbolos e a arte são alguns desses modos, fazendo e propiciando com que cada sujeito desvende segredos e características pertencentes ao universo, cabendo-lhe, então, atribuir sentidos e apropriação sobre a sua própria história (ARANHA; MARTINS, 1992).

2.1 PÓS-MODERNIDADE: CARACTERÍSTICAS E VICISSITUDES

Refletir sobre a pós-modernidade significa lidar com os mais diversos conceitos e também com as mais variadas definições e nomenclaturas. Isso se deve ao fato de se ter a pluralidade das diferentes formações intelectuais dos autores que procuram explicar e explicitar o tema.

A pós-modernidade acaba por trazer consigo alguns valores e paradigmas que rompem com o que se vivia anteriormente. Para Damergian (2001, apud GREGÓRIO, 2007) o sujeito pós-moderno é marcado pela competitividade, assim como um indivíduo que se pauta sob o prisma de que a realização de seus prazeres

e desejos deve ser efetivada a qualquer custo. Como consequência desse estilo de vida que é pregado pelo contemporâneo, torna-se cada vez mais comum visualizar o aumento do uso de psicotrópicos por parte dos sujeitos para o tratamento de transtornos psicológicos (como ansiedade e depressão).

Para alguns, uma das mudanças de maior impacto em relação à transição do moderno para o pós-moderno são os consideráveis avanços tecnológicos e, para outros, o fator de primazia está pautado nas mudanças de ordem econômica (NICOLACI DA COSTA, 2004). Ainda para a autora, a época contemporânea compartilha e se mune de quesitos e características que são destacadas pelas grandes comunicações de âmbito eletrônico, assim como a maior mobilidade e ruptura de fronteiras.

Para Kumar (1997), o conceito de pós-modernidade é ambíguo, podendo dar o significado de que o termo “pós” é algo posterior, cabendo trazer consigo um novo estado para as coisas, além de promover uma reflexão do que veio anteriormente. Sobre os aspectos e características que Han (2017) aponta em relação à pós-modernidade, torna-se relevante refletir que a atualidade é marcada para além de uma sociedade moldada (em seu discurso e prática filosófica e política) sobre o caráter inteiramente disciplinar, que é sinalizado pela instância da negatividade, correção e desautorização.

Han (2017) ainda problematiza que o século XXI é caracterizado e pautado pelos aspectos do desempenho e realização, se estendendo para além de uma perspectiva de que os sujeitos da era anterior tinham, então, como forte característica, o aspecto de obediência, justamente pelo fato de esses mesmos sujeitos serem regrados e reprimidos (no âmbito dos desejos pessoais) através dos processos simbólicos que os muros disciplinares dos hospitais, escolas, exércitos e outras instituições promoviam.

Neste ponto, o que propõe Foucault (1987), possui tamanha relevância justamente por trazer à luz o fato de que o processo de punição, em sua reflexão, é proposto para além de uma construção de uma instituição (formada por muros e cercas). Para o autor, a condenação ou o corretivo também trabalha os elementos que fazem alusão aos princípios do comportamento, conhecido como corpo e alma dos sujeitos, pois com esses mesmos atributos (que são pertencentes aos seres humanos), o caráter punitivo conseguiria alcançar, também, um nível biológico, se estendendo em instâncias que são psicológicas e sociais. Ainda para Foucault

(ibidem), essa mesma técnica, que provém da punição, não é a de criar um sujeito de direito e, sim, criar um alguém que é obediente, pois o mesmo acaba por se tornar um ser altamente receptivo às regras, horários e o que deve ou não realizar a partir do poder que é exercido no mesmo.

O que Han (2017) procura visionar, assim, é que a atualidade vem caminhando sobre o poder ilimitado e também pela liberdade individual que é pregada pelos fenômenos marcados pela pós-modernidade, justamente causado pelo fato de que o excesso de positividade é fortemente explicitado. No mesmo sentido, para Sennett (2009), uma cultura que é pautada no excesso de positividade acaba por tornar sujeitos intolerantes às críticas e crises. Vale ressaltar que esses atributos possuem o papel fundamental de fazer os indivíduos reavaliarem suas posturas de vida. Logo, para o autor, o sujeito, como consequência, encontraria certa dificuldade no convívio social, visto que a sociedade estipula que não só os elogios fazem parte da experiência e vivência.

Esses aspectos, na contemporaneidade, são fáceis de serem vistos pelos sujeitos. Com o alto poder de propagação de informações por meio da mídia, torna-se cada vez mais comum se deparar com indivíduos ocupando grandes papéis sociais e políticos, onde acabam por ter em seus discursos e perspectivas, a ideia de que se pode crescer sempre mais, assim como o de que cada sujeito é autor e responsável pela sua própria história, ou seja, a gênese de sua reflexão, assim, é a de que para se aumentar a produtividade dos sujeitos imersos na contemporaneidade, não cabe (ou até mesmo entraria em caráter amplamente antagônico e dicotômico) mais a técnica da proibição por meio da disciplina do “não”, pois traria uma ideia de bloqueio e maior refreamento no sujeito que é caracterizado como um ser de desempenho e altamente produtivo. Para, então, fazer jus ao que é pregado, a trajetória para a melhor promoção e reconhecimento desse mesmo indivíduo deveria ser tomada pela positividade de que o mesmo é plenamente capaz e digno de realização e fruição de seus próprios desejos.

Quando se pensa sobre a autonomia e a relação que o indivíduo possui com a realidade que lhe é imposta socialmente, torna-se necessário problematizar sobre o que a ciência psicanalítica procura prezar e se respaldar (no quesito teórico e técnico). A partir das características e ideias que foram expostas acima, pode-se observar que um dos fortes e vigentes discursos pregados pelo contemporâneo está respaldado na liberdade e fruição dos desejos.

Freud (1940/2014) ao relacionar com o dinamismo psíquico e ao trabalho clínico psicanalítico acaba por mostrar e fazer alusão ao que está sendo proposto neste trabalho. O autor, já trabalhando suas definições sobre aparelho psíquico, mostra e relativiza a importância do sujeito no ato de procurar cada vez mais se satisfazer e se realizar em suas próprias tarefas e desejos. Freud (ibidem) diz que o eu (ego) possui a tarefa de tentar suprir as condições que são impostas pela realidade, assim como a de prover as demandas do Id e do superego, além de procurar manter a sua própria organização e equilíbrio. Os processos sintomáticos e as condições patológicas se dariam, então, quando houvesse o enfraquecimento do ego frente às demandas pulsionais advindas do id e/ou do superego.

Diante dessas questões, o que o autor propunha está intimamente interligado com aquilo que a própria pós-modernidade preza, ou seja, o fazer-se senhor de si (buscar realizar seus prazeres) é bem visto e entra de total acordo com as perspectivas, ideias e discursos que são lançados e perpassados para os sujeitos atualmente. O paradoxo, no entanto, é que boa parte da psicanálise admite que as pessoas estão condenadas a serem sujeitos da falta, naquilo que Lacan preconiza como a busca incessante pela satisfação do desejo que, assim que concretizado, perde a sua importância e já lança o sujeito em busca de um novo objeto. Este aspecto de não concretização total das vontades por uma questão de ordem lógica é simplesmente ignorado na Pós-Modernidade.

É um ponto que se torna interessante quando os dados estatísticos sobre os crescentes índices de sintomatologias e psicopatologias são mostrados pelos veículos de comunicação. De acordo com Chade e Palhares (2017), as estimativas apontadas pela Organização Mundial de Saúde indicam que o Brasil é o país com a maior taxa de sujeitos com transtornos de ansiedade no mundo (atingindo cerca de 23,93% dos brasileiros). A entidade ainda indica que esse quadro já acomete 264 milhões de pessoas, refletindo em um aumento de 15% em comparação ao ano de 2005. Quanto ao aspecto da depressão, o país já ocupa um ranking de quinto (um número correspondente a 5,8% dos indivíduos de nacionalidade brasileira) em relação a outros países.

Esses transtornos, após a intervenção da própria psiquiatria, acabaram por ter cada vez mais notoriedade no mercado farmacológico, pois com a maior categorização, assim como a invenção de novos psicotrópicos e formas de cura para

os sujeitos, a aderência dessas mesmas técnicas de tratamento por parte dos indivíduos aumentou de modo substancialmente significativo.

Conforme Birman (2014), os sintomas de tristeza sempre fizeram parte dos seres humanos, sendo que a partir da década de 80, época essa que a medicalização e a própria psiquiatria tiveram maior notoriedade no mercado e na mídia, esse mesmo sentimento de apatia foi então transformado em um diagnóstico de depressão, tornando-se, mais tarde, em uma epidemia, ou seja, a velocidade em aderir um tratamento por parte dos indivíduos é inteiramente proporcional ao modo de vida que é pregado pelo contemporâneo. O que deve ser melhor problematizado é justamente o fato de que essas psicopatologias podem advir de uma condição de repressão e não realização dos desejos que são pertencentes a cada indivíduo.

Na atualidade marcada pela pós-modernidade, alguns autores da própria psicanálise admitem e refletem que a sociedade se distancia fácil e rapidamente daquilo que Freud descobrira em seu consultório psicanalítico. Problematisa-se a pauta de que a sociedade caminha para a particularidade de não ser mais caracterizada como a de frustração, e sim, de uma contemporaneidade marcada pelos aspectos pertencidos aos da perversão. Vale lembrar que não se deve tomar o aspecto clássico de perversão fundamentada por Freud, mas sim, fazer menção desse mesmo conceito relacionado à interpretação do protagonismo que é dado e conquistado pelo sujeito nesse século vigente, sem que este carregue um repertório de interditos. A pós-modernidade parece ter saído de uma era onde a economia psíquica era constituída pelo recalque. Hoje se percebe que há uma fala que pertence ao discurso (social, político e econômico) capaz de promover e instigar a realização e exibição do gozo, ou seja, atualmente a exigência induz o ser humano a alcançar a sua plena satisfação, independentemente das consequências advindas da mesma, sobretudo no campo ético (Fronteiras do Pensamento, 2018).

A partir dos temas problematizados anteriormente, o capítulo posterior tem como caráter investigar e averiguar os impactos e sintomas (sob o olhar da psicanálise, da sociologia, da filosofia e também da psicologia) produzidos na subjetividade e identidade dos indivíduos da pós-modernidade (aqueles que aderem ao estilo de vida pregado por ela e também aqueles que não compartilham de suas nuances).

3 IMPACTOS E SINTOMATOLOGIAS DO PÓS-MODERNO

Os debates e as interpretações sobre os impactos e sintomas que a pós-modernidade poderia influenciar no estilo de vida e na subjetividade dos seres humanos se tornam cada vez mais relevantes. Os quadros psicopatológicos de ansiedade e de depressão vêm sendo cada vez mais notificados e experimentados pelos indivíduos na atualidade, sendo que as relações dos mesmos podem estar intimamente interligadas com a forma e o modo com que cada ser humano interpreta e leva sua vida no cotidiano.

Segundo as Nações Unidas no Brasil (2017), a Organização Mundial de Saúde (OMS) registrou aumentos significativos e alarmantes de transtornos depressivos entre os anos de 2005 a 2015 no país, tendo um aumento de 18% no número de casos descritos e notificados, atingindo cerca de 11,5 milhões de pessoas, enquanto os sintomas de ansiedade afetam cerca de 18,6 milhões de brasileiros. A partir desses dados estatísticos substancialmente consideráveis, a própria OMS acredita que a assistência psicossocial e também a medicação provinda de profissionais da saúde, podem ser medidas relevantes para tentar reverter o crescente quadro.

Para Dunker (2017), um novo modo de encarar os fatos do cotidiano já se instala. Segundo o autor, o próprio conceito do que vem a ser felicidade acabou se tornando, também, um fator político. Ele defende que esse processo se iniciou por volta do século XIX, época essa onde boa parte das instituições políticas e econômicas adotou o processo de laicização, ou seja, essa mesma prática acaba por trazer uma condição de escolha por parte dos indivíduos, a fim desses poderem refletir e problematizar qual forma de sofrimento e de alegria pode reger sua própria vida.

Esse pensamento possui a total relevância com o que é prezado no pós-moderno, pois os discursos e práticas (abordado no capítulo anterior) prezam para que os indivíduos sejam cada vez mais senhores de si. É importante destacar que há uma contradição nesse ponto, pois ao mesmo tempo em que as pessoas são instadas a se tornarem protagonistas, também são encorajadas a apagarem a dimensão do sujeito (ROUDINESCO, 2000) – no que se refere tentar apagar o passado, caso este não coadune com os projetos do presente, como se isso fosse possível de acontecer.

Amaral e Campos (2016 apud BIRMAN, 2014) defendem que, se a dor é o verdadeiro mal-estar visto no contemporâneo, o corpo, por sua vez, é passível do sintoma decorrente dessa nova maneira de existir que é pregada pelo pós-moderno. Para os autores, e também para DEBORD (1997), a atualidade é marcada pelo espetáculo (caracterizado como uma sociedade onde as relações sociais são mediadas por imagens advindas dos veículos de comunicação, pois a partir do autor, os humanos são os espectadores que, cada vez mais, são convidados a assistirem um maior número de informações). O problema consequente neste ponto, é que a partir de uma visão simbólica, esse mesmo espectador está possivelmente destinado a uma posição e condição de passividade, podendo repercutir, de forma significativa, na autoria e autonomia dos seres em relação à sua própria história.

Para Bento e Stacechen (2008 apud BIRMAN, 2003) o aumento das psicopatologias advém de uma tentativa falha da participação dos sujeitos nessa cultura que é caracterizada como a do excesso do narcisismo (esse excesso do narcisismo está ligado à falácia do protagonismo a qualquer custo). Para os autores, o indivíduo atual realiza atitudes que promovem uma exaltação do eu, se utilizado de todo e qualquer modo para poder participar do cenário considerado social. O ser projeta, no âmbito cultural, papéis que ele próprio interpreta e se identifica, com o objetivo de ser inflacionado egoicamente. Esses mesmos quadros, então, possuem funções similares ao de máscaras que são utilizadas e interpretadas a fim de ganharem uma função e representação. Como a pós-modernidade é também considerada uma sociedade do espetáculo, a admiração desses diversos padrões são cultuados pelos cidadãos.

Araújo (2010) trabalha e reflete sobre as questões narcísicas, a ponto de, a partir do que foi exposto anteriormente (sobre as condutas dos sujeitos e o que é perpassado pelo moderno), é possível fazer uma relação com o tipo de narcisismo considerado secundário, onde se configura como um estágio importante e crucial para o desenvolvimento sexual do sujeito, pois reflete a forma como esse mesmo se projeta, se lança e investe nos objetos que complementam o seu próprio ego. Isso se dá a partir do reconhecimento das exigências advindas do ambiente e da cultura onde se insere, possuindo, também, inteira relação com o que foi vivido e simbolizado ao longo de sua história de vida.

Almeida (2013) insere e debate os conceitos que possuem total relação com o trabalhado acima. Os termos de Eu ideal (interpretado pela internalização e

construção das expectativas pertencentes ao outro em relação ao indivíduo, ou seja, aquilo que se espera do sujeito) e Ideal do Eu (caracterizado como instância secundária, formado pelos valores éticos e morais que são vigentes na sociedade, e que diz respeito ao que o sujeito deve ser como um ideal para poder autorizar o próprio desejo) possuem grande relevância.

A partir desses mesmos, o problema se daria, então, quando o Ideal de Eu não se satisfaz com o Eu ideal, ou seja, o sujeito, a partir dessa não consonância, pode se dispor de grandes conflitos, que por sua vez possuem a tendência de atingir e interferir no quadro psíquico (em relação à fruição dos desejos) do sujeito.

Novos paradigmas de relação e formas de compreensão vêm sendo instalados e priorizados por parte de um método de atuação vigente, impactando também na saúde mental dos sujeitos. Dentre elas, está o maior uso de psicotrópicos (considerados como medicamentos que atuam no sistema nervoso central, tendo a capacidade de poder buscar uma alteração da percepção, dos estados emocionais e comportamentais considerados como problemáticos e indevidos pelos indivíduos que os consomem) relacionados ao tratamento de transtornos psicológicos conhecidos como depressão e ansiedade.

O problema é que a medicação combate os sintomas que aparecem nos seres que sofrem, porém a sua verdadeira causa, juntamente com a história que o acompanha, pode não ser investigada devido aos efeitos do pós-moderno – ou talvez devido à negação da dimensão histórica do sujeito -, sendo que um deles é a adesão e a opção para a mais rápida velocidade para o tratamento psicológico. Para Roudinesco (2000), isso pode repercutir no fato de não se ter o tempo considerado necessário para a reflexão e problematização do verdadeiro limiar da infelicidade.

Mas com o avançar dessas mesmas informações, que são acompanhadas de dados estatísticos, esses quadros podem ser revertidos, pois profissionais da área de saúde (psicólogos, psicanalistas) podem refletir e também priorizar por técnicas de atuação e intervenção, a fim de poder facilitar com que os indivíduos que sofrem desses mesmos transtornos tomem maior consciência da real gênese.

A psicanálise não deixa de tentar acompanhar e investigar essas demandas. Para Gaspar (2005), o tratamento psicanalítico se baseia nas associações livres realizadas pelos sujeitos, para então, o psicanalista poder ter acesso ao inconsciente e procurar explorar profundamente a real causa daquilo que o próprio sujeito manifesta como agravante para a sua saúde mental.

Essas questões devem ser substancialmente priorizadas, até mesmo nos fenômenos decorrentes do pós-moderno. Pereira e Azevedo (2016) defendem que na contemporaneidade existe uma significativa demanda e exigência de produção por parte dos indivíduos, assim como a duradoura experimentação do estado de felicidade, fazendo com que não se tenha espaço e tempo para poder se ter um quadro diferente do da alegria. Ainda para esses autores, essas formas de viver que são pregadas pelas demandas sociais causam um sentido dúbio no psiquismo dos sujeitos, fazendo-os entrarem em contradição entre atender fielmente aos seus desejos *versus* responder aos processos e ações que são inteiramente sociais.

Para Marques (2002 apud BRUCKNER, 2002) esse parece ser um objetivo impossível de se atingir, pois, na atualidade, o sofrimento é visto como um impeditivo para o alcance da felicidade, visto que esta é substancialmente priorizada pelo pós-moderno. Para os autores, o homem ocidental elege o bem-estar como uma instância que deve ser um ideal de vida. A questão é que esse mesmo ponto pode acabar por escravizar os sujeitos (aqueles que buscam de forma demasiada e incessante), causando até mesmo um bloqueio e angústia para a obtenção da liberdade.

Han (2017), ao fazer a reflexão sobre a sociedade do consumo (considerada como a pós-moderna) problematiza que, a passagem do modelo caracterizado como disciplinar para a do desempenho pode repercutir em consequências psicopatológicas nos indivíduos, dentre elas, a depressão. Esse mesmo quadro, segundo o autor, acaba por ser melhor referenciado a partir da pressão advinda de agentes externos (grandes corporações vinculadas ao trabalho) que exigem e atuam em prol da pauta de que a alta performance e execução de tarefas devem ser prioritárias e devidamente concluídas pelos sujeitos, acarretando, então, em um considerável cansaço e exaustão da própria alma do Ser. A partir dessas premissas, pode-se também fazer a relação de que esse mesmo discurso pregado e exigido pode, de maneira significativa, repercutir em altos índices de psicopatologia de caráter ansiogênico, justamente por essas mesmas práticas, de alguma forma, tentarem não dar espaço para a dimensão histórica dos trabalhadores.

Para Coelho (2009 apud HEIDEGGER, 2007), a busca pelas mais variadas interpretações sobre o Ser tem sua gênese desde os filósofos clássicos, sendo que, atualmente, ainda parece algo que é buscado e passível de várias interpretações. Segundo esses mesmos autores, o ente é ontológico, sendo ele formado sob o

prisma da temporalidade, pois essa mesma se configura como algo necessário para a formação da consciência crítica, trazendo consigo atributos que dizem respeito à capacidade de imaginar, fazer escolhas e compreender os fatos do cotidiano. Ou seja, a ação do tempo sob o sujeito se torna primordial para a sua formação de nível biológico (cognitivo), social e emocional (psicológico), sendo então a premissa inerente e prioritária para a sua constituição.

Para Oliveira (2014 apud DESCARTES, 2002), o conceito de alma também é discutido desde os períodos clássicos da filosofia. Quanto a esse entendimento, resultam que essa essência é complementada com o corpo biológico, e a partir disso se dá a capacidade do ser de raciocinar sobre a sua própria existência. Ainda ressaltam que a união entre essas duas instâncias não tiram a particularidade de cada indivíduo, e que pensar somente no aspecto físico pode remeter a ideia de material e máquina, levando a um pensamento que o ser humano pode ser facilmente substituído por outro, como se vê no âmbito mercadológico e trabalhista (quando se tem a reposição de algo considerado defeituoso e não eficaz), altamente marcado pelos fenômenos da revolução industrial.

Bolsanello (2005) ressalta que o corpo enquanto experiência é pertencente à um indivíduo que possui a plena capacidade de se autorregular, com tendência a buscar a homeostase física, biológica e emocional. Isso se dá pela relação e pela percepção do sujeito com o meio social em que o cerca e também pelas interpretações que o mesmo tem de si. Sob o ponto de vista biológico, por exemplo, o corpo pode ser uma instância na qual recebe boa parte do impacto do adoecimento da alma (a partir do conceito trabalhado acima), que, claro, possui total ligação com aspectos psicológicos e emocionais que podem estar em conflitos. Como consequência desses conteúdos não resolvidos, as somatizações (dores e sintomas) podem vir a refletir e se manifestar como questões que influenciam na saúde mental dos indivíduos.

A partir do esgotamento físico, psíquico e emocional que permeiam a totalidade do ser (incluindo alma e corpo), pode-se fazer uma relação com o pensamento de Kehl (2015), onde a autora levanta a hipótese de que o horrendo e crescente quadro de diagnósticos depressivos são números considerados alarmantes desde a década de 70 até a atualidade, fazendo com que o quadro de antidepressivos lançados no mercado só aumente com o passar de cada ano. Ainda para a autora, esses mesmos fenômenos que entram em pleno vigor nessa época,

podem trazer a perspectiva de que o sujeito contemporâneo está, então, comprometido a deprimir-se.

A autora também traz a concepção de que as mais diferentes modalidades de fruição das pulsões e desejos por parte dos indivíduos são diversas para cada cultura, além de enfatizar o fator da temporalidade como contribuinte da formação psíquica do sujeito, ou seja, a maneira como é perpassada a relação de que o indivíduo deve ter com a duração e a forma de encarar e perceber o tempo possui total relevância e significado para a sua experiência subjetiva, refletindo inteiramente no modo como esse mesmo encara e se defende dos eventos cotidianos pertencentes à própria vida.

Esta ideia coaduna com as de Lipovetsky (2005), para quem reflete sobre a cultura pós-moderna. O autor defende que, na contemporaneidade, até mesmo a educação se tornou mais flexível e menos autoritária, procurando se adequar e se atentar aos desejos das pessoas. Isso acaba repercutindo em uma maior liberdade individual, visto que possibilita e influencia a expansão do sujeito, já que a censura e a repressão em relação ao acesso às informações tendem a diminuir.

Kehl (2015) ainda complementa que a contemporaneidade, marcada por uma sociedade científico-mercadológica, acabou por demonizar o quadro de depressão, ocasionando um sentimento de dívida perante os que possuem o transtorno, já que são considerados e estereotipados como indivíduos que se afastam, não produzem e não preenchem (no âmbito laboral) as expectativas que são criadas pelas grandes corporações e agentes externos produzidos pela dinâmica de mercado. Isso é um movimento que tenta responsabilizar apenas o indivíduo por sua eventual performance, tirando a mera culpa do Estado como indutor de desenvolvimento (ROUDINESCO, 2000).

Breton (2018) problematiza que o indivíduo depressivo –subproduto da pós-modernidade – percebe a temporalidade como uma instância estagnada, com pensamentos de inabilidade e insuficiência substancialmente presentes. Para o autor, esse mesmo sujeito é alguém que perdeu suas bases e apoios, como se se encontrasse ao lado de si mesmo e estivesse livre das responsabilidades e cobranças da vida cotidiana. É uma experimentação de apatia e impotência que permeiam o espaço e tempo pertencentes à vida e a personalidade do ser.

Paulo (2005) aponta o vértice de que o sujeito depressivo se encontra em um estado de impossibilidade de realização e fruição de seus próprios desejos, como se

ocorresse uma fixação em um estágio da vida. As metas podem, então, serem encaradas como dificultosas e até mesmo parecerem impossíveis.

A relação, aqui, possivelmente se deve a visão (subjéitiva e também simbólica) do aspecto etiológico (que diz respeito a origem e gênese de algo) para a instalação do que vem a ser o depressivo. Para a psicanalista Kehl (2015), esse mesmo sujeito, ao passar pela fase psicosséxual considerada fálica (a que também marca o Complexo de Édipo), acaba por enxergar o pai imaginário como rival, ou seja, ao invés do sujeito criar uma concorrência do falo (considerado como símbolo de poder) com o pai, o mesmo acaba por recuar e se abrigar sobre os cuidados do papel desempenhado pela figura materna. Como consequência, a criança experimenta sentimentos de impotência diante dos problemas e dificuldades que a vida irá lhe proporcionar, podendo fazer adotar postura similar diante desses mesmos acontecimentos que aparecem posteriormente. Vale lembrar que a psicanálise traz e abarca a total amplitude que pertence ao processo simbólico e cultural que está presente em cada sociedade, assim como o atual e grandioso significado da diversidade do que vem a constituir qualquer tipo de núcleo familiar.

O que deve ser problematizado é que, segundo o pensamento de Kehl (2015), cada membro que compõem a família do sujeito pode e irá desempenhar determinados papéis que, culturalmente, a sociedade atribui, de forma significativa, ao gênero masculino ou feminino, ou seja, esse mesmo indivíduo que é criado em determinado seio familiar não está distante e segredo disto, e como consequência, aprende e observa determinadas atitudes e comportamentos que pertencem aos seus responsáveis, podendo até servir de base para o mesmo em momentos posteriores de vida.

Angonese e Santos (2016) afirmam que para o desenvolvimento emocional da criança, a presença e atuação da família são indispensáveis. Não existe forma de dizer sobre a figura paterna, por exemplo, sem fazer relação com todos os membros da família. A função de cada membro composto é um complemento. O que é necessário problematizar é que a ajuda de qualquer indivíduo mais experiente, auxiliando em suas funções e necessidades primárias e mais complexas se torna crucial e inteiramente importante.

A partir do trabalhado acima, essas mesmas experiências iniciais, levando em consideração a forma como é perpassada a relação com o que se deve ter com a temporalidade, influenciam nos modos de percepção e enfrentamento do sujeito nas

etapas posteriores da vida. Vale ressaltar que não é algo estático, visto que quando se trata de seres humanos (no ponto de vista psicológico), esses mesmos possuem a plena capacidade de ressignificar e ter autonomia diante dos eventos do cotidiano. Diante disso, pode-se perceber que o papel do outro na constituição do sujeito é devidamente importante e significativa, a ponto de fazê-lo um ser pensante, consciente e crítico sobre sua conduta. Este percurso se delineia desde a infância e se arrasta até a fase madura dos sujeitos. A pós-modernidade, em certa medida, tenta anular esta dimensão temporal, provocando uma excessiva autorreferencialidade nos sujeitos, autorreferencialidade esta que impacta no modo como estes encaram o tempo.

4 METODOLOGIA

4.1 DESENHO DO ESTUDO

O seguinte trabalho possui a finalidade de pesquisa básica e de abordagem qualitativa. Trata-se de uma pesquisa cujo objetivo é identificar a relação do estilo de vida pós-moderno com o aumento de transtornos de ordem psicológica nos sujeitos contemporâneos. Quanto ao tipo de pesquisa, é de natureza qualitativa. Esse delineamento de pesquisa também não requer, em sua formação, o uso e a utilização de materiais estatísticos, de acordo com os pressupostos recorrentes nas pesquisas de caráter psicanalítico, calcadas no olhar clínico do profissional e na sistematização deste a partir de publicações especializadas.

Em relação ao objetivo e procedimento metodológico, foi de caráter exploratório e bibliográfico. As fontes de dados de pesquisa foram de autores (das áreas da filosofia, sociologia e psicologia) de livros e artigos que retratam os seguintes temas: tempo, pós-modernidade, psicanálise, subjetividade, identidade, saúde mental, ansiedade, depressão e transtornos psicológicos.

Para a coleta de dados e a formulação da redação da pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico, como método de leitura do tipo análise do conteúdo referente ao que a pesquisa propôs. Buscou-se nos bancos de dados os indicadores que possuem maior relevância com a linha do projeto, considerando os que mais se repetiam e que melhor associaram com as teorias e teses que permeiam as ciências psicológicas, filosóficas e sociológicas. Os descritores buscados na fase preliminar para a fundamentação posterior do referencial teórico foram: depressão, ansiedade, identidade, subjetividade, percepção, tempo, Pós-modernidade, contemporaneidade, relações, psicopatologias e psicanálise.

Com os resultados encontrados, foram analisadas as discussões propostas e realizadas pelos autores dos artigos, assimilando seus resultados e procedimentos metodológicos. Por fim, com a leitura e compreensão desses materiais, a utilização desses mesmos instrumentos contribuíram inteiramente para a formação do aporte teórico do estudo vigente.

Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica, cujo local de realização se concentrou na biblioteca do Ceulp/Ulbra, localizada na Avenida Joaquim Teotônio Segurado, 1501, Plano Diretor Sul e em sites especializados que retrataram as teses da psicologia, filosofia e sociologia, além de plataformas de publicações científicas em ambiente virtual. Sites científicos da psicologia, como o do Conselho Federal de

Psicologia (CFP) foram utilizados para auxiliar na fundamentação e na procura de legislações e artigos que tiveram relevância com o tema proposto. O período de realização foi entre os meses de fevereiro e dezembro de 2018.

.O objeto de estudo da pesquisa foi verificar como se dá a apreensão de informações captadas pelos sentidos presentes nos seres humanos. Dessa forma, procurou-se priorizar temas e referenciais que trouxeram as pautas que debateram e discutiram sobre a forma como a percepção da aceleração do tempo impacta a subjetividade dos sujeitos, assim como as que problematizaram a relação dessas com o aumento dos transtornos mentais cada vez mais presentes nos indivíduos contemporâneos.

Para a sua complementação, foram feitas leituras básicas de vinte e quatro (24) autores que trouxeram à luz as teses da filosofia, sociologia e psicologia e que juntamente problematizaram os temas propostos pela pesquisa, num movimento de transversalidade. Três (03) artigos foram analisados por meio da leitura interpretativa, sendo, então, achados nas bases de dados científicas conhecidas como: Scielo, Google, Google Acadêmico e Pubmed. Livros que abordaram os temas apresentados também foram analisados e utilizados, com o objetivo em se ter melhor auxílio e complementação para a construção da fundamentação teórica da pesquisa.

Teve como critérios de inclusão para a realização dos resultados e discussões os livros e artigos submetidos e anexados nas plataformas do Scielo, Google, Google Acadêmico e Pubmed, entre os períodos de 2009 a 2018, que retrataram sobre os temas: tempo, pós-modernidade, psicanálise, subjetividade, identidade, saúde mental, depressão, ansiedade, psicologia e transtornos psicológicos, assim como autores que se basearam nas teses da sociologia, filosofia e/ou psicologia para melhor fundamentar sobre os temas propostos. Os critérios de exclusão foram livros e artigos anexados nas plataformas fora da data estipulada ou que não abordam os temas propostos pela pesquisa, assim como os que não tiveram relação com as teses abordadas pela psicologia.

4.2 PROCEDIMENTO

Realizou-se uma busca de descritores nas bases de dados Descritores em Ciências da Saúde (DECS). Em seguida, foram utilizados os descritores e as palavras-chave nas bases de dados do PubMed, do Scielo e do Google Acadêmico

como técnica de aprimoramento para a realização da fundamentação teórica da pesquisa. Os descritores que foram buscados e analisados são: pós-modernidade, relações, psicopatologias, depressão, ansiedade, identidade, subjetividade, psicanálise, tempo e formação social/cultural.

Após a realização da pesquisa de descritores e palavras-chave nas bases de dados citadas, houve a leitura analítica do título, do resumo, da introdução, desenvolvimento e conclusão dos artigos encontrados. A leitura analítica desses itens encontrados nos artigos pré-selecionados teve como estratégia a inclusão ou exclusão referente aos critérios citados na proposta da pesquisa. Posterior à prática dessas estratégias, foi realizada a análise de conteúdo como técnica proposta por Bardin (2006, apud MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011).

A seguinte pesquisa não envolveu seres humanos, no entanto é importante frisar os cuidados necessários para o seu delineamento, pois visou em não contribuir com violações e práticas ofensivas aos direitos e deveres que competem a cada ser humano, e sim, apenas para a promoção de reflexão acerca do tema e para o crescimento da ciência, em observação à resolução 466/12 do Ministério da Saúde.

A pesquisa teve como desfecho primário e secundário averiguar a relação do índice crescente de transtornos psicológicos com o modo de vida dos sujeitos contemporâneos e contribuir para a reflexão e a problematização do tema para o crescimento da psicologia – pelo olhar da psicanálise -, assim como refletir sobre as práticas clínicas já existentes acerca dos tratamentos de indivíduos que possuem psicopatologias resultantes da percepção da aceleração do tempo referente à pós-modernidade.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A tabela a seguir representa os resultados referentes à quantidade de autores (apenas de livros e artigos) que foram coletados para a estruturação e fundamentação do corpo teórico da pesquisa, assim como a complementação para as discussões. A relação e escolha prévia foram dos que produziram (a partir da aproximação do tema e problema proposto) entre os anos de 2009 a 2018, com o intuito de trabalhar dados e tabulações mais atualizadas.

Tabela 1 – Quantidade de autores e titulações

Ano	Quantidade de Autores	Títulos acadêmicos
2009	04	01 P.H.D e 03 Doutores, sendo 02 desses autores, professores.
2010	04	02 Doutores; 01 pós-doutor; 01 mestre.
2011	02	02 Doutoradas; 02 mestres.
2012	00	00
2013	00	00
2014	01	01 Doutor, pesquisador associado ao laboratório de Psicanálise, pós-doutor; especialista, mestre e professor.
2015	02	02 Doutores (01 em psicanálise) e outro com titulação de professor.
2016	04	01 Mestre; 01 doutor e professor; 01 professor; 01 graduanda.
2017	03	02 Mestres; 01 pós-graduando.
2018	01	01 Doutor, professor e pesquisador.

(Fonte: Google; SCIELO; Construída pelo autor desta pesquisa).

A tabela a seguir representa os resultados que dizem respeito à quantidade dos artigos coletados e analisados para a fundamentação de toda a pesquisa, além de demonstrar o número de escritos utilizados para a realização dos resultados e, posteriormente, das discussões geradas a partir da perspectiva dos autores.

Tabela 2 – Artigos coletados por região

Regiões	Estados	Artigos indexados por região	Artigos utilizados
Norte	00	00	00
Sul	05	05	00
Nordeste	01	01	00
Sudeste	06	06	03
Centro-Oeste	01	01	00

(Fonte: SCIELO; PEPSIC; Google; construída pelo autor).

A tabela a seguir retrata a quantidade de artigos indexados por estado e região respectivo as que foram retratadas anteriormente (tabela 2).

Tabela 3 – Artigos indexados por região e estado

Artigos	Quantidade
Goiânia	01
Minas Gerais	03
Paraná	01
Rio Grande do Sul	01
Rio de Janeiro	01
São Paulo	02
Santa Catarina	03
Sergipe	01

(Fonte: Google; SCIELO; construída pelo autor).

Na tabela 2, pode-se observar que, os autores que produziram, a partir das datas estipuladas pela pesquisa (entre 2009 a 2018), grande parte se aglomerou e se concentrou na região **Sudeste e Sul**, mais especificamente em Minas Gerais e Santa Catarina, respectivamente. Dentre os escolhidos, a partir da amostra, nota-se que nenhum autor pertenceu a região **Norte**. Seguido da região **Nordeste**, com apenas 1 escrito e, posteriormente, da região **Centro-Oeste**, com 1. Com o fato de não ter encontrado nenhum autor da região **Norte**, nota-se a importância, a partir desse estudo, de promover publicações e também influenciar novos pesquisadores a colaborarem com o tema e problemas propostos por essa pesquisa.

Sobre a titulação dos autores que compuseram e realizaram os artigos escolhidos para elaborar e problematizar o capítulo de resultados, Jane Moreira de Azevedo apresenta-se como mestre em psicologia pela PUC, psicóloga clínica e professora. Jacqueline de Oliveira Moreira possui doutorado em psicologia clínica, mestrado e pós-doutorado em filosofia. O Joel Birman possui formação em psicanálise, é professor titular da UFRJ e pesquisador. Maria Mota possui título de psicóloga pela universidade de Minas (PUC).

Dentre os vinte e um autores procurados em livros e nas bases de dados como: Pepsic, Scielo e Google Acadêmico, foram selecionados três artigos para realização da discussão e apresentação dos resultados expostos (que se encontram na íntegra, nos anexos) nos escritos. Os escolhidos possuem como títulos: “Depressão e Angústia: modos de expressão na contemporaneidade” de Pereira e Azevedo (2017), “Mídia e psicologia: considerações sobre a influência da internet na

contemporaneidade”, de Moreira (2010) e “Drogas, performance e psiquiatrização na contemporaneidade”, de Birman (2014).

Os artigos foram selecionados devido estarem dentro da data estipulada para critério de análise (entre os anos de 2009 e 2018) e também porque trouxeram importante aproximação com tema e problema proposto por esta pesquisa, além de possuir termos e descritores que se assemelham com a proposta. São eles: pós-modernidade, relações, psicopatologias, depressão, ansiedade, identidade, subjetividade, psicanálise, tempo, percepção e formação social/cultural.

Em relação ao artigo “Depressão e Angústia: modos de expressão na contemporaneidade” de Pereira e Azevedo (2017), a tabela mais a frente demonstra a quantidade de termos e descritores repetidos no escrito. No artigo em questão o termo Depressão é repetido 114 vezes, seguido do termo Pós-Modernidade, com um total de 20 e, por fim, a Ansiedade, com 7. Por dedução, a construção argumentativa destaca a influência do contemporâneo sobre a saúde mental dos sujeitos, pois a partir das características pregadas e expostas pelo pós-moderno (problematizado ao longo desta pesquisa), percebe-se que a alta demanda e competitividade gerada pelos indivíduos e também pelo âmbito laboral podem fazer com que os sujeitos que possuem psicopatologias (depressivas e ansiosas) não sejam devidamente assistidos e acolhidos, justamente por não conseguirem participar das nuances pertencentes à essa nova era. Isso causa uma relação de inapropriação nos mesmos e possíveis crescimentos desses mesmos quadros na sociedade.

Tabela 4 – Quantidade de termos e descritores do artigo 01

Termos e descritores	Quantidade de repetição
Depressão	114
Ansiedade	07
Identidade	02
Subjetividade	03
Percepção	02
Tempo	01
Pós-modernidade/ contemporaneidade	20
Relações	02
Psicopatologias	01
Psicanálise	14

(Fonte: Google; Construída pelo autor desta pesquisa).

Posteriormente, a tabela sobre a quantidade de termos procurados e repetidos no artigo “Mídia e psicologia: considerações sobre a influência da internet na contemporaneidade”, de Moreira (2010).

Tabela 5 – Quantidade de termos e descritores do artigo 02

Termos e descritores procurados	Quantidade de repetição
Depressão	00
Ansiedade	00
Identidade	02
Subjetividade	35
Percepção	01
Tempo	14
Pós-modernidade/ contemporaneidade	03
Relações	05
Psicopatologias	00
Psicanálise	01

(Fonte: Google; PEPSIC; Construída pelo autor desta pesquisa).

Conforme o levantamento percebe-se que o termo Subjetividade foi o que possuiu maior repetição, com um total de 35, seguido da palavra Tempo (totalizando 14), Relações (05), Pós-modernidade (03), Identidade (02) e Psicanálise (01).

A partir dos dados levantados por dedução em relação ao número de repetição dos termos, levanta-se a questão de que a mídia acaba por influenciar em novos modelos de subjetividade e, como consequência, em diferentes modos de relação e percepção da vida cotidiana. Essas mesmas questões podem também ser relativizadas a partir do fenômeno tempo e do pós-moderno, onde a percepção que os indivíduos têm sobre ambos acaba por provocar e ampliar diferentes singularidades pertencentes aos seres humanos. Tudo isso devido a grande (e cada vez maior) inserção da tecnologia e das informações inseridas e participantes na sociedade, onde cada artifício e atributo pertencentes a ela podem moldar e influenciar em novas configurações e modelos de relações.

Adiante, a tabela é respectiva ao número de caracteres e termos do artigo “Drogas, performance e psiquiatrização na contemporaneidade”, de Birman (2014). Em relação ao levantamento da amostra abaixo, nota-se que o termo Depressão e Pós-modernidade totalizam um número de 07 repetições, seguido dos termos Relações (05), Subjetividade (04), Percepção e Psicanálise (03), Tempo (02), e Ansiedade (01).

Tabela 6 – Quantidade de termos e descritores do artigo 03

Termos e descritores procurados	Quantidade de repetição
Depressão	07
Ansiedade	01
Identidade	02
Subjetividade	04
Percepção	03
Tempo	02
Pós-modernidade/ contemporaneidade	07
Relações	05
Psicopatologias	00
Psicanálise	03

(Fonte: Google; SCIELO; Construída pelo autor desta pesquisa).

A partir destas, por dedução, problematiza-se a construção argumentativa (em relação ao número de repetições dos termos no escrito) de que a contemporaneidade influencia e está inteiramente associada com as psicopatologias (ansiedade e depressão), de modo a impactar na saúde mental dos sujeitos que dela participam e compartilham com suas nuances. A partir desses termos encontrados, torna-se claro a questão de que novas formas de relações e também de subjetividade são criadas no decorrer dos anos e que o impacto dos discursos do pós-moderno – sobretudo no que tange o excesso de autogerenciamento, de eficácia e rapidez – influenciam nos modos de percepção e identidade dos sujeitos imersos na contemporaneidade.

Artigo 01

O artigo de Pereira e Azevedo (2017), intitulado como “Depressão e Angústia: modos de expressão na contemporaneidade” (anexo A) procura explanar sobre a relação dos fenômenos da depressão e da angústia, assim como essas mesmas vêm sendo cada vez mais notificadas na atualidade. Os autores também procuram investigar se esses mesmos quadros são decorrentes do estilo de vida que é pregado no pós-moderno. Essas mesmas informações foram buscadas e interpretadas a partir dos descritores que se repetem ao longo do texto, assim como no desenvolvimento das idéias e informações que são delineadas ao longo do escrito.

Os autores expõem que o quadro de depressão não é pertencente somente à atualidade, visto que os registros sobre esse mesmo diagnóstico e modo singular de

encarar os fatos do cotidiano já foram vistos e também notificados antes mesmo do período da modernidade. Ainda ressaltam que, o número que é cada vez mais crescente pode estar grandemente relacionado às práticas e marcas deixadas pelo capitalismo e pelo discurso pregado no pós-moderno, podendo repercutir em uma maximização no número de sujeitos acometidos pelo problema, assim como é explicitado e retratados pelas mídias sociais.

Essas argumentações defendidas pelos autores também coadunam com as teses de Birman (2014), ao defender que os sintomas depressivos sempre estiveram e fizeram parte dos indivíduos. A maior notoriedade dessas mesmas psicopatologias, para o autor, se dá pelo alto e crescente avanço da indústria farmacológica e da psiquiatria no mercado atual. Isso faz com que o número de diagnósticos seja cada vez mais crescente e a adesão aos tratamentos medicamentosos, por consequência, também aumentem de proporção e magnitude.

Para Dunker (2017), até o próprio conceito de felicidade e percepção dos sujeitos vem mudando desde o século XIX. Isso devido às práticas políticas (capitalistas e liberais) e também aos novos modos de relação e percepção (realizadas e praticadas pelos cidadãos) pregados pelos discursos Pós-moderno. Os indivíduos inseridos nessa era aderem e participam de uma maior liberdade individual e capacidade de escolha para poderem optar por quais questões e sofrimentos psíquicos podem reger e ordenar suas próprias vidas.

Essas argumentações possuem grande relação com as de Bauman (1998), ao problematizar que a era considerada moderna compartilhou e trouxe consigo uma maior notoriedade em relação aos aspectos de segurança e falta de liberdade individual. A pós-modernidade, então, promove maior protagonismo e fruição dos desejos e impulsos dos sujeitos. São os efeitos apontados por Han (2017), onde a sociedade traça um caminho marcado pelo alto desempenho e fadiga por parte dos seres, justamente por se ter uma alta cobrança por *performance* na atuação (principalmente pelo âmbito laboral).

Sennett (2018) aponta que o sujeito que vive em uma cultura onde se valoriza o excesso de positividade pode se tornar alguém incapaz de lidar (de forma resiliente) às crises, fazendo-o ter e encontrar certas dificuldades de aceitação, justamente por esse mesmo viver em uma sociedade onde não valoriza as demandas e questões pertencentes aos sentimentos da tristeza.

Artigo 02

O artigo de Birman (2014), intitulado como “Drogas, performance e psiquiatrização na contemporaneidade” (anexo B), explana sobre a relação entre o uso de drogas psicofarmacológicas com a alta demanda voltada para o desempenho que é característico do pós-moderno, onde segundo o autor, a grande aderência e uso dessas mesmas se deve, também, pela intensa mediação advinda da própria psiquiatria.

Birman (2014) defende que um dos planos e modos de subjetivação vistos atualmente é o de maior fortalecimento nos discursos para que os sujeitos tenham cada vez mais o protagonismo sobre si, como se qualquer relação ou posição de característica passiva fosse encarada de forma negativa e tivesse que ser deixada de lado, ou seja, os indivíduos que se demonstram inteiramente ativos e que cumprem com as demandas da alta produtividade pregada na atualidade são, de certa forma, mais bem vistos em relação aos que tomam uma via de contramão e não compartilham daquilo que é imposto e pregado pelo moderno.

Jung (1991), ao trazer os conceitos de introversão e extroversão, acaba por demonstrar um dos pontos vigentes e participantes no período pós-moderno. A partir desses conceitos levantados pelo autor, relativiza-se a questão de que os que possuem (em uma instância maior) os aspectos da introversão tendem a não receberem status, justamente porque o contemporâneo acaba por prezar e valorizar as características pertencentes a extroversão (relacionada ao alto desempenho). Isso pode causar um sentimento incapacidade de adaptação e impotência naqueles que possuem uma condição de vida momentânea depressiva. Essa mesma sensação pode advir do fato de esses mesmos perceberem que estão trilhando uma possível via contrária a do que é socialmente valorizado.

Vale ressaltar o que retrata a psicanalista Kehl (2015), ao desenvolver a perspectiva de que os fenômenos de percepção da temporalidade por parte dos sujeitos influenciam, de forma significativa, em novos modos de singularidade e subjetividade. Com os altos índices de informação e processos midiáticos, torna-se relevante o entendimento de como esses mesmos sujeitos tentam acompanhar e aderir essas mesmas questões, para então, poderem ter a tentativa de se adaptarem e sobreviverem na sociedade onde se prega e valoriza (de forma substancialmente significativa) os veículos de comunicação em massa.

Artigo 03

No artigo intitulado “Mídia e psicologia: considerações sobre a influência da internet na subjetividade” (anexo C), de Jacqueline Moreira (2010) explana sobre a influência da mídia na identidade e também subjetividade dos sujeitos, assim como essa promove novas experiências no âmbito físico, psíquico e emocional dos indivíduos. A autora traz a perspectiva de que a criação da imprensa acabou possibilitando uma maior interação entre os sujeitos, assim como uma maior disponibilidade de diálogos e trocas de experiência entre os mesmos.

Para a autora, é inegável o poder sobre a mídia na subjetividade. Frisa também que a nova comunicação (aquela que pertence ao fenômeno internet) exerce impactos maiores nos sujeitos atuais. Essa recente forma de se interagir interfere na relação e percepção do tempo, pois segundo Moreira (2010) essa mesma é capaz de ultrapassar as barreiras existentes entre o espaço, possibilitando comunicações e diálogos a longa distância. Isso cria uma relação de maior proximidade e intimidade entre os seres, a ponto de poderem ter um espaço íntimo cada vez maior, mesmo que esse seja no âmbito virtual.

Nicolaci da Costa (2004) aponta que um das maiores características em relação à passagem do moderno para o pós-moderno se dá pelo alto avanço da mídia e do poder que a tecnologia exerce e demonstra no âmbito social. Em relação aos meios de comunicação eletrônicos, a autora interpreta e defende que a diminuição de barreiras geográficas e o aumento de intimidade como consequência desse novo estilo de diálogo, se torna cada vez mais frequente e corriqueiro.

Como a sociedade é caracterizada como científica e mercadológica (KEHL, 2015), devido ao crescente avanço dos processos tecnológicos, também pode-se, a partir dessa premissa, problematizar a existência de espaço virtual utilizado por indivíduos acometidos por transtornos depressivos, por exemplo. Relativiza-se a questão que a internet também pode causar e proporcionar um maior protagonismo nos sujeitos, e que meios e veículos de comunicação também viabilizam um cenário em que os indivíduos se posicionam com seu lugar de fala e expressão de opiniões.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida com o tema “O impacto na subjetividade dos sujeitos contemporâneos a partir da percepção da aceleração do tempo” teve como base autores psicanalistas, filósofos, psicólogos e professores que tratam sobre os temas que dizem respeito aos termos: depressão, ansiedade, identidade, subjetividade, percepção, tempo, Pós-modernidade, contemporaneidade, relações, psicopatologias e psicanálise.

Em relação ao que foi buscado nas bases de dados, livros e sites de psicanálise. A partir dos autores, teve-se como considerações que as características pertencentes ao tempo Pós-moderno influenciam na subjetividade e saúde mental dos sujeitos que nela estão inseridos, contribuindo, sobretudo para estados depressivos e condições de ansiedade.

O autor desta pesquisa observou que a hipótese inicial foi corroborada em relação aos levantamentos nos capítulos posteriores, e nos resultados e discussões. Essa mesma hipótese inicial se tinha como questão de que a pós-modernidade, de fato, impactava na saúde mental dos sujeitos nela inseridos e imersos.

Ao problematizar os dados (que proporcionaram a realização das análises), relatou-se, em uma escala maior, sobre as conseqüências e marcas deixadas por essa era, sendo uma delas, o grande e crescente quadro de psicopatologias de caráter depressivo e ansiogênico, decorrentes da percepção do tempo que é interpretado como em fenômeno acelerado e dinâmico por parte dos indivíduos.

Considera-se que as políticas de caráter capitalistas ou liberais (também pertencentes ao fenômeno contemporâneo) promovem e exercem influência (a partir de suas nuances e discursos) em relação a competitividade e aceleração entre os sujeitos, além de promover e propiciar abertura para eclosão de psicopatologias as mais diversas, mas, como já relatado, com maior ênfase a quadros depressivos e ansiedade.

Considera-se que, com esse estilo de vida perpassado, mais precisamente a partir da década de 80, o que é valorizado (em uma medida maior) diz respeito apenas as características e comportamentos acerca da alta produtividade e competitividade entre os indivíduos contemporâneos, deixando a desejar e excluir as questões e pautas que concernem a contemplação e ao ócio produtivo (aquele que promove o repouso e valoriza os momentos de reflexão sobre a vida cotidiana dos sujeitos).

Como consequência, os seres que possuem psicopatologias, principalmente as relacionadas com as questões e nuances depressivas, não são inteiramente assistidos e acolhidos, justamente por serem vistos (por uma instância macro) como pessoas que tomaram uma via de contramão e que não compartilham das particularidades pregadas, ou seja, as demandas que dizem respeito a contemplação e reflexão diante da vida e história dos sujeitos - que são necessárias para a promoção de saúde e resolução de crises - não são significativamente valorizadas.

Pode-se ter, a partir disso, um maior agravamento dos quadros psicológicos dos indivíduos acometidos e maior recorrência aos psicotrópicos por esses mesmos, devido perceberem que não são inteiramente acolhidos. Essa percepção também acaba por criar maior eclosão e abertura para a utilização de ansiolíticos, por exemplo, justamente por que esses sujeitos tentam criar formas de resolução para as demandas que são impostas por uma instância social (principalmente por questões do âmbito laboral, onde se verifica a grande cobrança por desempenho).

Como o uso da medicação está inteiramente atrelado à rápida resolutividade e saída da condição de vida considerada problemática pelo sujeito, a aderência torna-se maior, fazendo com que os sintomas iniciais possam ser facilmente amenizados em um curto espaço de tempo.

Considera-se que esse método de tratamento, de fato, pode reduzir os sintomas físicos sentidos pelos sujeitos, mas que sua real causa e gênese psicológica pode não ser identificada, justamente porque para tal, outras técnicas e diversidades de tratamento devem ser aderidas. A psicoterapia, por exemplo, pode ser uma delas.

O levantamento dos dados para a efetuação das análises e discussões a partir de uma visão sociodemográfica, demonstrou a quantidade de autores que concernem às áreas da psicanálise, psicologia e filosofia e como se deu a relação e aglomeração desses mesmos a partir das regiões onde se encontram.

Em relação aos materiais para a composição dos resultados, o autor desta pesquisa observou e encontrou certa dificuldade ao procurar materiais (livros e artigos) em sites especializados em algumas bases de dados. Em uma busca preliminar e análise, não houve escritos na região Norte que possuíam inteira relação com o tema (a partir dos critérios de exclusão e inclusão proposto). Em

contrapartida, muitos autores de outras regiões debatem, se atualizam e procuram retratar suas análises e impressões com caráter científico.

Justamente por se ter percebido um déficit de autores da região Norte, optou-se também por abranger a procura de escritos pertencentes a outros locais. Sobre a ausência de autores no Norte, teve-se como hipótese de que em outras regiões (principalmente a Sul), há uma quantidade maior de escolas de Psicanálise e cursos voltados para essa área, propiciando (em uma maior probabilidade) que parte de autores especializados nessa área possa escrever e publicar mais materiais sobre os diversos temas dessa área.

Portanto, a partir do levantamento dos dados por região, notou-se a importância que a pesquisa pode promover para influenciar para que haja mais publicações de autores da região Norte, servindo de auxílio para possíveis desdobramentos futuros, sobretudo no que diz respeito ao tema proposto.

A pesquisa contribuiu para o trabalho de psicólogos e psicanalistas em relação ao manejo prático e clínico, e também para a importância de se atentar aos aspectos sociais que influenciam na subjetividade, identidade e relações existentes entre os sujeitos e como essas propiciam na maior notificação de psicopatologias na atualidade, além de promover e instigar o olhar significativo do profissional de psicologia para as questões sobre o tempo e sociedade, pois considera-se que são instâncias inteiramente passivas de mudanças, sobretudo na influência sobre as relações e formações de idéias e perspectivas dos sujeitos imersos.

Portanto, a partir dos pontos explícitos, considera-se a significativa influência de que o período Pós-moderno acaba por deixar marcas e características que valorizam e priorizam os aspectos voltados para a extroversão (principalmente para o âmbito laboral e das relações de consumo e interpessoais), assim como os modos de percepção que decorrentes desse tempo são verificados e interpretados como um tempo que cobra um alto preço pela aceleração e desempenho.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana. **Super-eu; Ideal de Eu e Eu Ideal. Salpicos**. Disponível em: <http://psisalpicos.blogspot.com/2013/01/super-eu-ideal-de-eu-e-eu-ideal.html>. Acesso em 26 de ago. de 2018.

AMARAL, Caroline Barros; CAMPOS, Erico Bruno Viana. **O Sujeito na Contemporaneidade**. Gerais: Rev. Interinstitucional de Psicologia. São Paulo, 2016.

ANGONESE, Amanda Saraiva; SANTOS, Diele da Silva. **O Impacto da Figura Paterna no Desenvolvimento Emocional e da Personalidade dos Filhos**. Unoese & Ciência. V. 7. Joaçaba, Santa Catarina, 2016.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria helena Pires. **Temas de Filosofia**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 1992.

ARAÚJO, Maria das Graças. **Considerações Sobre o Narcisismo**. Estudos de Psicanálise. Aracaju, 2010.

AZEVEDO, Jane Moreira; PEREIRA, Maria Bruna Mota. **Depressão e angústia : modos de expressão na contemporaneidade**. Pretextos- Revista da graduação em psicologia da PUC, Minas Gerais, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.,1997.

_____. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENTO, Victor Eduardo Silva; STACECHEN, Luiz Fernando. **Consumo Excessivo e Adicção na Pós-modernidade: uma interpretação psicanalítica**. Fractal, revista de psicologia, v. 20. Rio de Janeiro, 2008.

BIRMAN, Joel. **Drogas, performance e psiquiatrização na contemporaneidade**. Rio de Janeiro, Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica. v. 17, 2014.

BOFF, Leonardo. **Cada um tem seu tempo e depois entra em silêncio**. Disponível em: <http://www.jb.com.br/leonardo-boff/noticias/2014/06/09/cada-um-tem-seu-tempo-e-depois-entra-em-silencio/>>. Acesso em 18 de mar. 2018.

BOLSANELLO, Débora. **Educação somática: o corpo enquanto experiência**. Rev. Motriz, Rio Claro. V.11, 2005.

CARDOSO, Giovani Fernando. **Tempo e Eternidade em Santo Agostinho**. Filogênese. Universidade Estadual paulista – UNESP. São Paulo, 2010.

COELHO, José Henrique. **A questão do ser segundo Heidegger**. Disponível em: <http://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=147>. Acesso em 21 de ago. de 2018.

CORTELLA, Mario Sergio. **Vida e Tempo**. Disponível em: <<http://www.paraevoluir.com.br/biblioteca/2-biblioteca/19-vida-e-tempo-mario-sergio-cortella.html>>. Acessado em: 28 de mar. 2018.

CHADE, Jamil; Palhares, Isabela. **Brasil tem maior taxa de transtornos de ansiedade do mundo, diz OMS**. ESTADÃO, São Paulo, 23 fev. 2017. Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-tem-maior-taxa-de-transtorno-de-ansiedade-do-mundo-diz-oms,70001677247>>. Acesso em 04 set. 2018.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Contraponto. 1997

DUNKER, Christian. **Reinvenção da Intimidade – políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FREUD, Sigmund. **Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares.

FREUD, S. (1940 [1938]) **Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados**: edição bilíngue. Obras Incompletas de Sigmund Freud. V. 3. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

_____. **Além do princípio do prazer**. In: Obras psicológicas completas. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII 1920.

_____. **O mal-estar na Civilização**. In: Obras psicológicas completas. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, vol. XXI 1930.

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO. **Charles Melman: o prazer extremo a qualquer preço**. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/entrevistas/charles-melman-o-prazer-extremo-a-qualquer-preco>>. Acesso em: 02 de maio 2018.

GASPAR, Fabiana Lutosa. **A violência do outro na anorexia: uma problemática de fronteiras**. Rev. latinoam. psicopatol. fundam. vol.8 no.4. São Paulo Oct./Dec. 2005.

GREGÓRIO, Tereza. **Os Desafios da Vida Cotidiana na Pós-Modernidade: uma revisão bibliográfica**. Universidade do extremo Sul Catarinense – Unesc. Criciúma, 2007.

GUIMARÃES, Rodrigo. **Espaço e lugar: relações impossíveis com a possibilidade de nomear**. In: Aletria: revista de estudos de literatura, Belo Horizonte, 2007.

GRZYBOVSKI, D; MOZZATO, A.R. **Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios**. v.15. Curitiba, 2011.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

HAWKING, Stephen. **Uma Breve História do Tempo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos Psicológicos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

KEHL, Maria Rita. **O Tempo e o Cão: a atualidade das depressões**. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

KUMAR, Krishan. **Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LE BRETON, David. **Desaparecer de si: uma tentação contemporânea**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

LIMA, Andréa Pereira. **O Modelo Estrutural de Freud e o Cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia**. Revista Psiquiatria Clínica, Uberlândia, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. São Paulo: Manole, 2005.

MARQUES, Ana Maria. **A Euforia Ocidental da Felicidade**. Cadernos do CEOM. Unochapecó. Santa Catarina, 2002.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. **Mídia e psicologia: considerações sobre a influência da internet na subjetividade**. Psicologia para América Latina, Belo Horizonte, 2010.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **OMS Registra Aumento de Casos de Depressão em Todo o Mundo; no Brasil São 11,5 milhões de Pessoas**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oms-registra-aumento-de-casos-de-depressao-em-todo-o-mundo-no-brasil-sao-115-milhoes-de-pessoas/>>. Acesso em 27 de fev. 2018.

NICOLACI-DACOSTA, Ana Maria. **A Passagem Interna da Modernidade para a Pós-modernidade**. Psicologia Ciência e Profissão. Brasília, v.24, 2004.

OLIVEIRA, Felipe Hector. **Alma e Corpo: uma compreensão destas duas dimensões do homem em Descartes**. Disponível em: <http://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=2608>. Acesso em: 21 de ago. de 2018.

PAULO, Maria Salete Legname de. **Depressão e psicodiagnóstico interventivo: proposta de atendimento**. 1 ed. São Paulo: Vetor, 2005.

PEIXOTO, Adão José. **Sócrates, a filosofia e a questão da morte**. Fragmentos de Cultura, v.20. Goiânia, 2010.

PENNA, Antonio Gomes. **Filosofia da Mente: introdução ao estudo crítico da psicologia**. Rio de Janeiro: Imago: Ed. 1990.

RATNER, Carl. **A psicologia sócio-histórica de Vygotsky: aplicações contemporâneas**. 2ª ed. Porto alegre: Artes Médicas, 2002.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Por que a Psicanálise?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do Caráter**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WORMS, Frederic. **A Concepção Bergsoniana do Tempo**. DoisPontos. Universidade Federal do Paraná, 2005.

ANEXOS

ANEXO A

DEPRESSÃO E ANGÚSTIA: MODOS DE EXPRESSÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Maria Bruna Mota Pereira¹ Jane Moreira de Azevedo²

RESUMO: Este artigo é o resultado de uma pesquisa de iniciação científica realizada no ano de 2015, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, campus Arcos, com o objetivo de investigar a relação entre o fenômeno da depressão e angústia. O interesse em pesquisar o tema surgiu a partir da constatação da alta incidência do diagnóstico de depressão nos dias atuais. Esse diagnóstico é tão predominante que pode ser descrito como uma epidemia da depressão. Esta pesquisa investiga se a depressão é resultado do estilo de vida dos dias atuais e qual é a relação entre depressão e angústia. A metodologia de pesquisa utilizada foi bibliográfica. Assim, o fenômeno da depressão foi investigado por um viés social, psiquiátrico e psicanalítico. No contexto psicanalítico, este foi demarcado pela perspectiva dos termos “depressão” e “angústia”, a partir da concepção elaborada por Freud e Lacan. A análise da literatura disponível revela que 7,6% da população brasileira com mais de 18 anos apresenta este diagnóstico e que este representa 11,2 milhões de pessoas em todo o território nacional. Observamos também que existe uma relação entre angústia e depressão, causada pelo conflito entre o que o Outro exige de nós e por aquilo que o sujeito não consegue tolerar em relação aos próprios desejos. A partir deste preceito, consideramos que não é possível evitarmos o mal da depressão, pois este é um modo singular do sujeito significar as próprias experiências vividas.

Palavras-Chave: Depressão; Angústia; Contemporaneidade; Desejo.

Link disponível para o acesso do artigo na íntegra:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/14256/11206>.

ANEXO B

Drogas, performance e psiquiatrização na contemporaneidade

RESUMO

Pretende-se estabelecer as relações existentes entre o uso de drogas na atualidade e o imperativo da performance estabelecido socialmente, indicando que isso ocorre tanto com as drogas ilícitas quanto com as lícitas.

Palavras-chave: Drogas, performance, psiquiatrização.

Link disponível para o acesso do artigo na íntegra:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982014000300003.

ANEXO C

Mídia e Psicologia: considerações sobre a influência da internet na subjetividade

Jacqueline de Oliveira Moreira

PUC Minas, Belo Horizonte - (Brasil)

Resumo

Este pequeno artigo representa uma tentativa de pensar a influência da mídia sobre a subjetividade. Acreditamos ser responsabilidade do saber psicológico o movimento de pensar sobre as condições históricas que influenciam e criam modos de subjetivação. A criação da imprensa possibilitou o encontro de um número maior de indivíduos com os livros, valorizando a experiência individual; por este motivo, defendemos a tese de uma relação de co-dependência histórica entre mídia e subjetividade. Toda mídia impressa e televisiva determina modos de existência, de subjetividade e de relacionamento, mas a nova mídia, representada pela internet, amplia o potencial de produção subjetiva, modificando as experiências físicas, mentais e sociais dos sujeitos. Ressaltamos ainda que a nova mídia, conectando o sujeito através da rede da internet, produz impactos mais eficientes na subjetividade, modificando as noções de tempo e espaço e a idéia de autonomia subjetiva.

Palavras-chave: mídia; internet; psicologia; subjetividade.

Link disponível para o acesso do artigo na íntegra:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000200009.